

Perfeccionismo e tradição são marcas de costureiro no bairro Santa Cecília

Sid ergue um paletó, examina a costura e encontra um desalinhamento quase imperceptível. Qualquer cliente, provavelmente, jamais perceberia. Ele, sim. Desmancha parte da costura e começa de novo. "O pessoal diz 'deixa assim, ninguém vai ver'. Mas eu vou ver. O cliente pode até não perceber, mas eu estou vendo. Então eu desmancho e faço outra vez." Aos 73 anos, **Sidnei Lima de Souza** transformou o perfeccionismo em marca registrada e segue resistindo em uma profissão que encolheu com o avanço da produção em escala.

Enquanto boa parte do mercado da costura se reorganizou em grandes redes especializadas em pequenos consertos, Sid continua fiel ao modelo de ateliê onde quase tudo pode ser feito: da barra de uma calça à toga de formatura. "Não escolho trabalho. Se chegar uma roupa complicada, eu faço. O importante é respeitar o serviço", declara.

A história começou por acaso, muito antes de ele imaginar que viveria da profissão. Auto-didata, nunca frequentou um curso de costura. "Acho até que isso me atrapalha um pouco, porque quem faz curso aprende o caminho certo. Acabo dando uma volta maior para chegar ao mesmo resultado", explica.

Na década de 1970, quando Sid tinha entre 15 e 16 anos e morava em Santa Maria, decidiu que queria uma calça nova para a tradicional festa de Nossa Senhora Medianeira. Na data, a mãe dele estava viajando e o próprio resolveu comprar o tecido e realizar a peça sozinho.

O resultado foi desastroso. "A calça serviu meia bunda", conta, rindo da própria história. A parte de trás ficou baixa demais. Sem conhecer técnicas ou modelagem, improvisou uma pala inspirada no que imaginava ser uma calça jeans. "Nem sabia que aquilo tinha nome. Fiz porque achei que podia dar certo. E deu" conta Sid, que trabalhou em ferragem, foi engraxate, passou 10 anos em um cartório e só depois reencontrou a costura.

O recomeço aconteceu no Rio de Janeiro. Foi lá que viveu um dos capítulos mais marcantes da carreira. Trabalhou como freelancer para a velha guarda da escola de samba Unidos da Vila Isabel, confeccionando camisas e ternos usados pelos integrantes. "Eles diziam 'tu foi o melhor costureiro que a velha guarda já teve'", comenta orgulhoso.

O costureiro voltou para Porto Alegre para cuidar da mãe e, há cerca de 10 anos, instalou o ateliê no bairro Santa Cecília, onde trabalha até hoje. Construiu



Sidnei Lima de Souza, 73 anos, está à frente da Sid Costuras, que atua há cerca de 10 anos em Porto Alegre

uma clientela fiel, formada por moradores do bairro e também por clientes que atravessam a cidade em busca de um serviço mais especializado. "Casaco, trocar forro, ajustar paletó, aqui no bairro quase ninguém quer fazer. Eles mandam tudo para mim. Nunca tive medo de pegar serviço", afirma.

O cotidiano da profissão, porém, mudou. A maior parte das encomendas hoje é de reformas. A explosão das compras pela internet aumentou a procura por ajustes, enquanto as franquias de costura passaram a dominar

esse segmento com rapidez e padronização. Sid observa esse movimento sem se intimidar. "Aquilo ali é outro tipo de trabalho. Costura não é pegar a peça e sair passando na máquina. Tem que passar no ferro, acertar, fazer acabamento. Cada tecido pede uma coisa", detalha.

Peças novas aparecem, mas quase sempre para ocasiões especiais. Togas de formatura, vestidos, figurinos ou produções sob medida ocupam dias inteiros de trabalho. Por isso, Sid afirma que não abre mão do preço que considera justo. "As pessoas

dizem que têm que valorizar o trabalho manual, mas quando você dá o orçamento elas acham caro. Só que eu sei o tempo que levo. E, se eu estragar uma peça, sou eu quem compra o tecido. Então meu preço é esse."

Longe da imagem do artesão receoso diante de uma profissão em desaparecimento, Sid cultiva uma autoestima única. Fala do próprio trabalho com orgulho, ri das histórias que viveu e afirma que gostaria de ser dois ou três para dar conta da demanda. "Não falta serviço. O que falta é tempo. Eu amo o que faço."

Há 59 anos no Menino Deus, sapataria passa por sucessão familiar

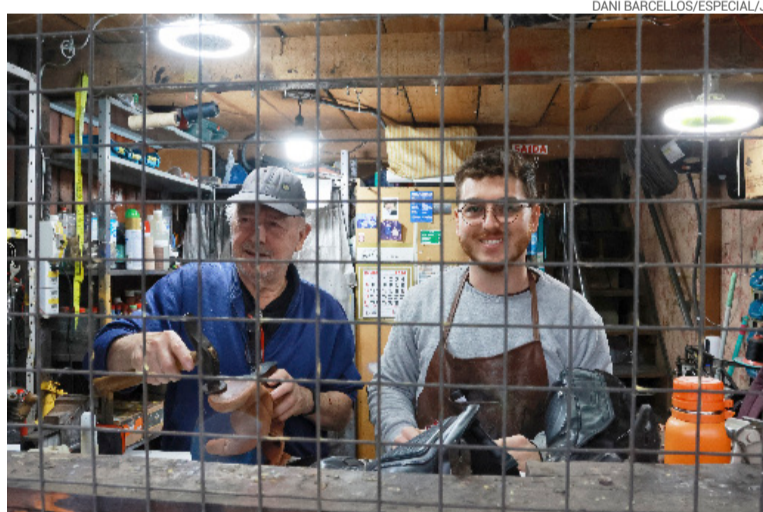
Em meio a prateleiras tomadas por botas, tênis e sapatos à espera de conserto, a cena da tradicional **Sapataria Modelo**, no bairro Menino Deus, contradiz a ideia de que as antigas sapatarias desapareceram. Ali, cerca de 30 pares passam pelas mãos da equipe todos os dias. Mais do que um negócio que resiste ao tempo, a empresa vive um momento raro: a sucessão familiar já está em andamento.

Fundada em 1957, a sapataria atravessa quase sete décadas de história sob o comando de Vitor Barth, hoje com 87 anos. Aos poucos, ele divide a administração e o trabalho com o neto Hiago Barth, 28 anos, e outros familiares, garantindo que um ofício cada vez mais raro continue vivo. Para Vitor, a sapataria nunca foi apenas uma fonte de renda. "É um filho", resume, emocionado. Olhando para uma fotografia da família colada em um dos armários da pequena sala onde uma parte dos consertos acontece, em lágrimas o empreendedor admite que o negócio familiar tem um espaço especial nas lembranças.

A história começou cedo. Desde 1953, Vitor já trabalhava como sapateiro em Novo Hamburgo. Alguns anos depois decidiu abrir o próprio negócio em Porto Alegre. Ao longo das décadas, viu o bairro crescer, clientes envelhecerem e gerações inteiras passarem pelo balcão. Muitos já não estão mais vivos. "Não tem um cara aqui nesta zona que seja mais velho que eu. E estou aqui resistindo", afirma Vitor, garantindo que ainda tem saúde de sobra. "O meu único problema é chorar muito", brinca.

A sapataria também ajudou a construir outra história: a da própria família. Dos quatro filhos, dois seguiram na profissão. Entre os nove netos, Hiago assumiu o desafio de manter o negócio funcionando e adaptá-lo aos novos tempos. A tradição vai além da loja do Menino Deus. O pai de Hiago é sapateiro em Garopaba (SC), enquanto um tio mantém uma fábrica em Novo Hamburgo. "É uma família de sapateiros", diz Hiago.

A escolha pela profissão, no entanto, não foi planejada. "Cresci aqui dentro. Estou aqui há 28



Avô e neto, Vitor e Hiago Barth estão à frente da Sapataria Modelo

anos. Fui tomando gosto, aprendendo, aprimorando coisas pela internet e conhecendo o trabalho de sapateiros", conta Hiago, que trabalha no local desde os 16 anos. Formado em geografia, o neto de Vitor chegou a trabalhar na área, mas percebeu que a sapataria oferecia estabilidade financeira e qualidade de vida superiores às encontradas na profissão.

Enquanto muitos imaginam que o conserto de calçados vive seus últimos dias, a rotina da

empresa conta outra história. "A maior procura hoje é por reforma de tênis: colagem, costura e troca de solado. Tem muito serviço que outros sapateiros já não fazem mais", comenta Hiago.

A capacidade de adaptação sempre fez parte da trajetória da empresa. Vitor chegou a trabalhar como sapateiro nos Estados Unidos durante uma visita à filha, que mora há mais de 30 anos na Califórnia. Conheceu colegas de profissão, viajou ao México e voltou com uma visão diferente

sobre o mercado.

A sucessão acontece de forma gradual. Hiago e dois tios passaram a organizar a administração e as finanças para preparar a próxima etapa da empresa. "Estamos na fase de organizar as contas para fazer uma transição tranquila", relata. Essa continuidade é justamente o que diferencia a Sapataria Modelo de muitos concorrentes. Vitor observa que, sempre que um sapateiro conhecido se aposenta ou morre, a loja costuma fechar definitivamente por falta de sucessores. "Tive a sorte de os filhos gostarem. A maioria das sapatarias fecha porque não tem quem continue", explica.

O futuro da empresa parece encaminhado, mas há um outro tipo de sucessão que ainda não aconteceu e rende risadas entre avô e neto. Pai de quatro filhos e avô de nove netos, Vitor diz que agora aguarda a chegada dos bisnetos. "Na minha época, tive quatro filhos. Agora, o pessoal tem dois, três cachorros e não tem filhos. Não me aparecem os bisnetos e vou ter que chamar os cachorros", brinca.